

A GUERRA CIVIL DE ESPANHA NOS MANUAIS ESCOLARES DE HISTÓRIA PORTUGUESES DO 3.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

HELENA ISABEL ALMEIDA VIEIRA*

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Guerra Civil de Espanha pode considerar-se um dos passados dolorosos da História europeia do século XX.

*Quem escrever a História desses terríveis dias [da Guerra Civil de Espanha] recusará toda a simplificação. Terá de dizer que a verdade sobre a Guerra Civil Espanhola é dividida, assim como está dividido o seu povo. Em ambos os lados, ocorreram coisas cruéis...*¹

Nos últimos anos têm sido desenvolvidos vários estudos sobre esta guerra inseridos no âmbito da História da Educação e centrados em manuais escolares, nomeadamente sobre o aproveitamento que o regime franquista fez deste objeto educativo para a veiculação das suas ideias fascistas². Neste trabalho olharemos para os manuais escolares numa outra perspetiva, no sentido de perceber de que forma a Guerra Civil de Espanha tem sido ensinada nas últimas décadas, prestando especial atenção às narrativas feitas pelos autores e à forma como os conteúdos são apresentados em termos pedagógicos e didáticos.

* CITCEM.

¹ KOCBEK, 1937 *apud* SUSTAR, 2014: 2.

² MATE, 2006; FOSTER, 2011; GONZÁLEZ DELGADO, 2015: 164-165.

Os manuais escolares são instrumentos pedagógicos e didáticos que ao longo dos tempos sofreram mudanças na sua estrutura e nas suas componentes. Viram as suas finalidades alargadas e passaram de meros instrumentos pedagógicos a objetos culturais. Podem ser vistos como livros intencionalmente redigidos para o ensino de uma determinada temática, entendidos como produtos pedagógicos e didáticos, mas também como produtos culturais, na medida em que abordam interpretativamente um determinado programa em termos conceptuais, metodológicos, políticos, culturais e sociais.

No panorama atual da investigação, «a utilização do manual como fonte historiográfica da educação é um campo em plena expansão»³, apesar de durante muitos anos esta fonte histórica ter sido ignorada e subalternizada⁴. Enquanto fonte histórica, os manuais escolares apresentam uma natureza tripla: pedagógica, cultural e ideológica⁵. Por tudo o que transmitem e por tudo o que omitem, os manuais escolares são o «espelho no qual se reflete a imagem que a sociedade quer dar dela própria [...] um reflexo deformado, incompleto, muitas vezes idealizado»⁶.

Assim, enquanto fonte histórica, o manual escolar pode ser estudado e analisado tanto por aquilo que expressa e transmite, como por aquilo que omite, daí a importância de identificar e interpretar as temáticas que nele estão presentes e ausentes. Não se pode ignorar que o manual é o suporte de transmissão dos conteúdos educativos que a sociedade julga serem necessários à perpetuação dos seus valores, mas também é um veículo de um sistema ideológico e cultural. Alain Chopin aponta mesmo os manuais escolares como «instrumentos de poder» e «veículos privilegiados das finalidades socializadoras e integradoras do poder-saber instituídos»⁷. Estes permitem, por isso, compreender a natureza dos saberes validados por uma determinada sociedade e época, conhecer os ideais e valores que veiculam ou silenciam.

Por outro lado, os conteúdos presentes nos manuais escolares de História são muito importantes para a compreensão do ensino de uma dada temática/realidade histórica. De acordo com Gutiérrez, em Espanha, os manuais escolares são um objeto fundamental no estudo da História, uma vez que os seus textos refletem o Currículo⁸. Segundo este autor, 90% dos tempos letivos da disciplina de História nas escolas espanholas centra-se em torno do manual, quer por parte dos professores, quer por parte dos alunos.

³ MAGALHÃES, 2008.

⁴ MONTEIRO, 2010.

⁵ MONTEIRO, 2010.

⁶ MONTEIRO, 2010.

⁷ MONTEIRO, 2010: 20.

⁸ DÍEZ GUTIÉRREZ, 2011: 3.

Por outro lado, os manuais ajudam a construir o imaginário coletivo das futuras gerações, já que os utilizadores dos manuais veem nas suas informações objetivas e concretas a realidade histórica, pelo que consideram que eles são uma fonte segura de informação e que, como tal, não precisam de ser submetidos a críticas⁹. Porém, Gutiérrez lembra-nos que os manuais escolares apresentam conteúdos que, por vezes, carregam consigo uma forte carga ideológica proveniente do contexto histórico e social da sua produção e das próprias convicções dos seus autores. Por essa razão, reitera que os conteúdos dos manuais não devem ser indiscutíveis, mas passíveis de um questionamento, discussão e revisão.

Neste sentido, procuramos neste trabalho compreender as questões presentes e ausentes nos manuais escolares de História do 3.º ciclo do ensino básico relativas ao estudo da Guerra Civil de Espanha e como as mesmas têm sido apresentadas em termos pedagógicos e didáticos.

1.1. O Percurso de Investigação

Com o intuito de descortinar as abordagens que têm sido feitas sobre a Guerra Civil de Espanha no ensino da História, esta investigação procurou compreender de que forma se tem ensinado esta guerra no 3.º ciclo do ensino básico português. Para responder a esta questão de partida, lançaram-se outras que contribuíssem para uma visão mais ampla da temática em estudo. Assim, procurou-se igualmente responder a questões como:

- Que narrativas são apresentadas pelos autores dos manuais de História relativamente à Guerra Civil de Espanha?
- Que propostas didáticas estão presentes nos manuais escolares de História relativamente a esta temática?

Em termos cronológicos o estudo centrou-se na análise de manuais escolares vigentes entre 1936, ano que marca o início da Guerra Civil de Espanha, até 2016, percorrendo um espaço temporal de 80 anos.

Este estudo começou por uma pesquisa bibliográfica, procurando trabalhos já realizados sobre esta temática. Perante a inexistência de estudos publicados no que concerne à realidade portuguesa, procuraram-se trabalhos que abordassem a mesma temática em realidades estrangeiras. Assim, tornaram-se fundamentais os estudos de González Delgado¹⁰ e Díez Gutiérrez¹¹ para a realidade espanhola e de Sustar¹² para a realidade eslovena.

⁹ DÍEZ GUTIÉRREZ, 2011: 3.

¹⁰ GONZÁLEZ DELGADO, 2015.

¹¹ DÍEZ GUTIÉRREZ, 2011.

¹² SUSTAR, 2014.

Por outro lado, no sentido de perceber como é abordada a Guerra Civil de Espanha nos manuais do 3.º ciclo em Portugal, foi necessário perceber em que contexto esta guerra surge nos programas e Metas Curriculares de História, com o intuito de verificar que indicações ministeriais são transmitidas e se as mesmas são cumpridas.

Posteriormente, para cada uma das décadas em estudo, foram analisados alguns manuais escolares, o que permitiu percorrer continuamente a evolução do ensino da Guerra Civil de Espanha. Esta análise seguiu, essencialmente, uma metodologia de cariz qualitativo, seguindo-se, sobretudo, uma análise de conteúdo, segundo as linhas orientadoras traçadas por Laurence Bardin¹³.

A investigação seguiu, depois, as duas linhas orientadoras traçadas inicialmente: uma primeira que procurou reconstituir as narrativas construídas pelos autores sobre esta temática, identificando os momentos-chave mencionados pelos mesmos na sua contextualização (anterior e posterior), com o intuito de analisar e interpretar as representações feitas sobre esta guerra, quer nos textos de autor, quer nas imagens e fontes históricas que os acompanham; e uma segunda que procurou identificar o tipo de abordagem pedagógica e didática feita ao tema, mediante a identificação, categorização e análise das várias atividades propostas.

2. OS ESTUDOS SOBRE A GUERRA CIVIL DE ESPANHA EM MANUAIS ESCOLARES

A abordagem da Guerra Civil de Espanha em manuais escolares pode ser entendida sob diversos prismas. Um deles aborda o manual escolar como um instrumento privilegiado para a inculcação de valores ideológicos pelos regimes totalitários, nomeadamente, neste caso, pelo regime franquista¹⁴. Outro prisma de análise pode prender-se com a forma como a Guerra Civil de Espanha é ensinada através dos manuais escolares. Neste segundo prisma, podem seguir-se duas linhas de análise distintas: uma centrada no estudo das narrativas que são apresentadas sobre esta guerra e sobre os períodos que a antecederam e que se lhe seguiram; e outra centrada em aspetos de cariz pedagógico e didático, que procuram entender como essas mesmas narrativas, através de processos de transposição didática, são transmitidas e trabalhadas nos manuais.

No que concerne às narrativas presentes nos manuais escolares de História sobre a Guerra Civil de Espanha, podemos identificar duas grandes linhas interpretativas: uma mais atenta às particularidades da realidade nacional espanhola, nomeadamente à sua evolução económica, social e política; e outra que privilegia uma perspetiva mais internacional, centrada nas influências e intervenções fascistas

¹³ BARDIN, 2009.

¹⁴ MATE, 2006; FOSTER, 2011; GONZÁLEZ DELGADO, 2015.

e comunistas no confronto, entendendo a Guerra Civil de Espanha como uma luta entre a democracia e os autoritarismos, ou como um «palco de ensaios» do que viria a ser a II Guerra Mundial.

Se é verdade que, sobretudo com a internacionalização do conflito, este foi um dos significados mais importantes que a guerra assumiu, também é verdade que, tanto na sua génese como no seu desenvolvimento e conclusão, intervieram de modo decisivo as características da sociedade espanhola dos anos 30, que largavam raízes numa história muito particular, e que só a custo de uma simplificação enganadora podem admitir como única chave de leitura a antinomia democracia-fascismo¹⁵.

De um modo geral, quer no caso português, quer no caso esloveno, os manuais tendem a apresentar uma visão mais centrada na perspetiva internacional, enquanto os manuais espanhóis, naturalmente, refletem as duas perspetivas.

Abordando as perceções da Guerra Civil de Espanha nos manuais escolares de História eslovenos, Sustar mostra-nos o enquadramento desta temática no ensino básico e secundário do seu país, desde 1958, traçando dois períodos importantes: um primeiro entre 1958 e a década de 1980, período em que vigorou um manual único no território da atual Eslovénia, e um período posterior, no qual vigorou a livre adoção de manuais escolares. Este autor, a partir de vários manuais escolares, analisa as narrativas apresentadas e os recursos didáticos associados ao texto de autor¹⁶. A partir do seu estudo podemos retirar algumas conclusões interessantes. A primeira prende-se com uma linha predominantemente internacional na abordagem da Guerra Civil de Espanha, mas sobretudo com um dos passados dolorosos da Eslovénia, pois em todos os manuais analisados, um ponto-chave sempre presente, embora com algumas mudanças ao longo dos anos, é a participação de jugoslavos e eslovenos nas Brigadas Internacionais de voluntários que lutaram nesta guerra do lado dos republicanos, sendo os mesmos baseados nos estudos científicos recentemente desenvolvidos na Eslovénia sobre esta participação e sendo recorrente a ilustração deste ponto com fotografias dos soldados destas brigadas.

Na análise das divisões antes da II Guerra Mundial, o tema da Guerra Civil de Espanha encontrou um importante lugar nos manuais escolares de História na Eslovénia, quer antes de 1990, nos tempos da antiga Jugoslávia, quer mais tarde, já no período de independência da Eslovénia, quando os livros didáticos descrevem o tema de forma mais ampla e adicionam detalhes. [...]. Apenas a partir da década

¹⁵ SACCO, 2005: 556.

¹⁶ SUSTAR, 2014.

de 1970, a participação dos jugoslavos e especialmente dos eslovenos nas brigadas internacionais do lado republicano é enfatizada. A apresentação desses detalhes nos livros didáticos é resultado do desenvolvimento de trabalhos científicos¹⁷.

O mesmo autor revela-nos que, ao longo do século XX, os manuais escolares de História evoluíram bastante, mostrando-se mais apelativos depois do final da imposição do manual único. Estes tornaram-se mais coloridos, apresentam recursos mais variados e até mesmo sugestões de questões de exploração. O texto de autor ajusta-se melhor à faixa etária dos alunos, sendo que o principal objetivo da abordagem da temática da Guerra Civil de Espanha é a aprendizagem da democracia em comparação com os regimes totalitários e o estudo das várias orientações políticas antes da II Guerra Mundial¹⁸.

Outro autor de referência sobre a abordagem da Guerra Civil de Espanha em manuais escolares, desta vez para a realidade espanhola, é González Delgado, que escreveu um trabalho intitulado «*Tempo de Turbulências: a complexa representação da Guerra Civil de Espanha em manuais de Ciências Sociais (1970-1990)*»¹⁹. Partindo da análise de vários manuais escolares, o autor interroga-se sobre o porquê de os manuais escolares desenvolverem uma representação tão complexa sobre a Guerra Civil. Ao longo da sua reflexão, o autor identifica duas grandes linhas de abordagem distintas sobre o tema: uma primeira que apresenta a Guerra Civil como uma «guerra de cruzada» contra a instauração do comunismo na Espanha, generalizada no tempo do franquismo; e uma segunda que contempla uma renovação temática, centrada no desejo da promoção da transição para a democracia, baseada nos debates historiográficos contemporâneos sobre o tema e com a introdução de diversos dados de análise que procuram um consenso e uma harmonia social.

O seu estudo reforça a ideia de que os conteúdos presentes nos manuais escolares são construídos socialmente e que não contemplam apenas aspetos de natureza pedagógica e didática. O autor tornou evidente que os manuais são influenciados por um conjunto de variáveis sociais e que, em certo ponto, visam a construção de uma «identidade social específica» baseada em constantes inclusões de diferentes perspectivas políticas, de debates historiográficos e até mesmo da indústria editorial²⁰.

Por outro lado, o autor concluiu que num mesmo manual escolar «podem convergir certas explicações, argumentos e até mesmo uma defesa de diferentes conceções ideológicas e políticas», reforçando assim o carácter complexo dos manuais escolares. Aponta também este aspeto como uma evidência de como os manuais escolares se

¹⁷ SUSTAR, 2014: 8-9.

¹⁸ SUSTAR, 2014: 9.

¹⁹ GONZÁLEZ DELGADO, 2015.

²⁰ GONZÁLEZ DELGADO, 2015: 180.

constituem como objetos culturais ao mesmo tempo que ilustram como as disciplinas escolares são construídas e como a política curricular e até mesmo a própria política educacional evoluem.

Um terceiro estudo fundamental para a compreensão desta temática é de Díez Gutiérrez, que estudou o período pós-Guerra Civil de Espanha utilizando os manuais escolares de História como objeto de estudo²¹. Na sua investigação sobre os conteúdos presentes nos manuais concluiu que os mesmos ocultam muitos acontecimentos sobre a experiência pós-republicana dos anos trinta, assim como escondem muitos factos da repressão franquista. Nos seus estudos procurou identificar os espaços destinados ao estudo deste período, bem como os aspetos que foram ocultados ou silenciados. A par da análise dos conteúdos presentes nos manuais de História, Gutiérrez analisou as fontes escritas, gráficas e materiais audiovisuais que complementam os manuais e ouviu a opinião de professores.

Da análise que fez aos manuais de História concluiu que os mesmos não refletem com relevância uma parte considerável dos acontecimentos que antecederam a implantação do fascismo em Espanha, os métodos repressivos implementados no período franquista, nem aspetos relacionados com a resistência ao franquismo em Espanha após a Guerra Civil. Segundo este autor, estes factos ignorados, silenciados e tratados «com as pontas dos pés»²² constituem-se como vazios que são preenchidos na maioria dos manuais escolares espanhóis com uma descrição extensa, detalhada e pormenorizada da Guerra Civil de Espanha e das suas batalhas, sendo a resistência refletida muito esporadicamente apenas em alguns dos manuais mais recentes.

Um dos aspetos mais interessantes do trabalho de Díez Gutiérrez prende-se com o facto de nos apresentar uma proposta didática para abordar estas temáticas ausentes e, assim, evitar a «amnésia histórica»²³. De facto, várias investigações, quando estudam e analisam uma determinada temática histórica em manuais escolares, muitas vezes param na descrição da realidade encontrada nos manuais, mas poucos têm a audácia de dar um passo em frente ao apresentar propostas alternativas quando se deparam com a identificação de espaços vazios.

Díez Gutiérrez apresenta-nos, por isso, uma proposta alternativa — uma unidade didática para ser incorporada nos manuais escolares de História. Esta subdivide-se em três grandes temas: um primeiro sobre a causa republicana, um segundo sobre a repressão franquista e um terceiro sobre a resistência antifranquista. No final destas é apresentada uma última secção dedicada ao fenómeno, muito atual em Espanha, sobre a recuperação da memória deste que é um dos seus grandes passados

²¹ DÍEZ GUTIÉRREZ, 2011.

²² DÍEZ GUTIÉRREZ, 2011: 90.

²³ DÍEZ GUTIÉRREZ, 2011: 99.

dolorosos. A construção destas unidades em «formato manual»²⁴ pretende, segundo o autor, sobretudo lutar contra o esquecimento e construir uma cidadania democrática nas futuras gerações.

3. A GUERRA CIVIL DE ESPANHA NOS MANUAIS DE HISTÓRIA PORTUGUESES DO 3.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

Para entender a abordagem feita sobre a Guerra Civil de Espanha no ensino básico em Portugal, este estudo começou por verificar se esta temática estava ou não contemplada nos manuais escolares de História nas oito décadas que compõem o espaço temporal deste estudo.

Para tal, foi necessário, desde logo, criar uma divisão temporal, correspondente ao período do Estado Novo, de 1936 até 1974, no qual vigorou um manual único, e o período subsequente, de 1975 a 2016, no qual se estabeleceu a liberdade de seleção de manuais escolares por parte das escolas.

A primeira grande conclusão retirada desta primeira incursão pelas fontes foi a não abordagem do tema no período do Estado Novo, nem no ensino liceal, nem no ensino técnico. Conclusão retirada depois da consulta de alguns compêndios de História, do ensino liceal, da autoria de António Mattoso, e de compêndios de História Geral e Pátria, do ensino técnico, da autoria de António Mattoso e Antonino Henriques. Este vazio pode ser entendido por neste período a temática não estar contemplada nos programas de 1932, nem nos programas de 1952. Por outro lado, provavelmente por razões políticas e ideológicas, também não foi do interesse do regime discutir estas questões junto dos alunos.

Após o fim do Estado Novo seguiu-se um período de transição que trouxe diversas mudanças para o panorama educativo nacional. Surgiram várias reformulações dos planos curriculares de várias disciplinas e, inclusivamente, surgiram disciplinas de transição, como a disciplina de Ciências Sociais e Ciência Política.

A estabilidade do currículo e dos programas escolares do ensino básico apenas foi restabelecida na sequência da reforma educativa de 1986, e depois já no início dos anos 90, na sequência da publicação do Decreto-lei nº 286/89, de 29 de agosto, que estabelecia novos planos curriculares para o ensino básico. A partir do ano letivo de 1990/91, aplicaram-se novos programas e, conseqüentemente, verificou-se a adaptação dos manuais escolares à nova realidade educativa.

Mais tarde, já em 2013, surgiram novas indicações ministeriais para a disciplina de História do terceiro ciclo do ensino básico, as Metas Curriculares, que partindo do programa de História de 1991, ainda em vigor, definiram os conteúdos fundamentais, atualizados cientificamente, que devem ser ensinados aos alunos.

²⁴ DÍEZ GUTIÉRREZ, 2011: 100.

3.1. As orientações dos programas e Metas Curriculares

Para compreender em que contexto surge a Guerra Civil de Espanha e os intuitos que estavam subjacentes à sua aprendizagem no terceiro ciclo do ensino básico em Portugal, foram analisados os programas escolares de História e as Metas Curriculares. As indicações ministeriais foram depois cruzadas com os conteúdos e com as narrativas presentes nos vários manuais analisados, a fim de verificar se as mesmas estavam presentes e em consonância.

De acordo com o programa de História de 1991, a temática da Guerra Civil deveria ser abordada no final do ciclo, no 9.º ano de escolaridade, no ponto 10 — *Da grande Depressão à Segunda Guerra Mundial* —, no subtema — *As Tentativas de Frente Popular*. Aqui a temática surge num ponto específico — *Espanha: a vitória republicana e o levantamento nacionalista; a Guerra Civil*.

Na clarificação de conteúdos e na especificação de aprendizagens, o programa prevê que neste tema se «relacionem os efeitos da crise económica e as ameaças da expansão do fascismo com as tentativas de formação, em França e em Espanha, de um governo de unidade de esquerda que, no caso espanhol, desembocará na Guerra Civil». Já nas estratégias e atividades propostas para a abordagem deste tema sugerem-se:

- O visionamento de filmes, documentais ou de ficção, sobre a Guerra Civil espanhola;
- A leitura de textos literários sobre esta época (ex. *Por Quem os Sinos Dobram*, de E. Hemingway).

Mais tarde, no documento das Metas Curriculares, a Guerra Civil de Espanha surge no domínio — *Da Grande Depressão à II Guerra Mundial* —, inserida no subdomínio — *Ditaduras e democracia na década de trinta* —, mais especificamente no ponto 5 — *Conhecer e compreender as respostas dos regimes demoliberais à «crise de 1929» e à Grande Depressão da década de 30*.

Aqui surgem três metas especificamente relacionadas com a Guerra Civil de Espanha:

3. *Relacionar os efeitos da Grande Depressão e do crescimento do fascismo com as tentativas de formação de governos de unidade nacional (Grã-Bretanha e Suécia) e de Frentes Populares (França e Espanha);*
4. *Referir medidas tomadas pelos governos de Frente Popular em França e Espanha;*
6. *Integrar a Guerra Civil de Espanha (1936-1939) no contexto dos confrontos ideológicos da década de 30 do século XX.*

A partir do programa verifica-se que as linhas orientadoras ministeriais vão ao encontro de integrar a Guerra Civil de Espanha na linha que pretende enquadrá-la na realidade económica, social e política espanhola, com a abordagem do contexto de surgimento da Frente Popular, que terminou depois numa Guerra Civil. Porém, se atentarmos nas Metas Curriculares, verifica-se que, apesar de se manter como primordial a linha anteriormente referida, na última meta encontra-se uma tentativa de integrar a Guerra Civil de Espanha numa linha mais internacional em que surge como um «espelho» dos confrontos ideológicos entre os fascismos e a ditadura.

Por outro lado, a partir das indicações programáticas nota-se que se privilegia apenas o contexto que conduz à guerra e à guerra em si, não evidenciando interesse na abordagem do período subsequente da vitória dos nacionalistas e da implantação do regime fascista franquista.

3.2. Narrativas, Recursos Didáticos e Propostas de Atividades

Nos manuais escolares analisados para este estudo verificamos que a Guerra Civil de Espanha se encontra nas unidades, domínios e subdomínios especificados nos programas, o que revela que, aparentemente, os mesmos estão em conformidade com o que é especificado no programa e, mais tarde, nas Metas Curriculares. No entanto, nas narrativas presentes nos manuais escolares verifica-se que tende a haver uma maior importância dada à linha internacional que insere esta Guerra Civil no contexto das lutas entre a democracia e os fascismos, sendo recorrente apresentar a Guerra Civil de Espanha como o palco de ensaios da II Guerra Mundial.

No manual *Génesis e mudanças estruturais do mundo contemporâneo*²⁵, do 9.º ano de escolaridade, de Pedro Almiro Neves, a Guerra Civil de Espanha surge em duas páginas. Esta temática inicia-se temporalmente em 1931, com a descrição do contexto de formação da II República na sequência do fim da ditadura de Primo de Rivera. Salienta depois «a vitória da Frente Popular, coligação dos partidos de esquerda (socialistas, comunistas e anarquistas), o que de imediato suscitou uma reacção das forças conservadoras (grandes proprietários rurais, igreja e grande parte do exército), receosas da implantação do socialismo em Espanha»²⁶. Apresenta depois o movimento conservador como uma «sublevação militar» e o alastramento da Guerra Civil, destacando os grupos políticos em oposição e os respetivos apoiantes nacionais e internacionais. Relativamente à intervenção estrangeira, refere que no apoio aos republicanos «os países democráticos ocidentais e a URSS não intervieram directamente na contenda, limitando-se a facilitar a formação das Brigadas Internacionais», não mencionando a origem dos soldados destas Brigadas, e que no apoio aos nacionalistas «a Itália de Mussolini enviou tropas

²⁵ NEVES, 1979.

²⁶ NEVES, 1979: 44.

e material e a Alemanha de Hitler forneceu a célebre Legião de Condor que se destacou nos bombardeamentos aéreos». O autor refere de seguida que estes apoios foram «decisivos na vitória final dos nacionalistas e na subsequente instauração do regime franquista». Esta narrativa apresenta um carácter sintético e expositivo. Não menciona a participação portuguesa nesta guerra, suaviza o apoio aos republicanos e destaca o apoio dos regimes fascistas aos nacionalistas. Nos recursos/fontes que acompanham o texto de autor apresenta apenas um mapa sobre a evolução militar da guerra, uma fotografia do general Franco e a reprodução do quadro de Picasso *Guernica*, sendo este último acompanhado de uma legenda alusiva aos bombardeamentos alemães da Legião Condor àquela cidade basca. Neste manual, não surge nenhuma proposta de atividade relacionada com este tema.

Quase dez anos depois, no manual *Nova História* 9²⁷, do mesmo autor, a Guerra Civil de Espanha surge novamente numa dupla página e com o mesmo texto de autor de 1979. Ao nível dos recursos que acompanham o manual, surgem os mesmos do manual anterior, acrescentando apenas um novo documento com uma capa do jornal «Arriba», como um exemplo de propaganda à Falange e ao franquismo. Uma vez mais, também não surge neste manual nenhum tipo de proposta de atividade complementar ou de consolidação de conhecimentos.

Já nos finais dos anos 90, no manual *História* 9²⁸ de Maria Emília Diniz, Adérito Tavares e Arlindo Caldeira, esta temática surge também em dupla página. A narrativa nele presente inicia-se com a descrição da crise económica e da agitação social que a Espanha viveu no pós-I Guerra Mundial, seguindo depois com uma breve referência à instauração e queda da ditadura de Primo de Rivera e à instauração da II República em 1931. Salienta o agravamento da crise económica, a vitória da Frente Popular em 1936 e o surgimento de um «levantamento militar» (já não uma sublevação militar como acontecia nos manuais anteriores), que deu origem a uma «violenta guerra civil» e a uma «luta encarnçada»²⁹. Refere depois, em notas laterais ao texto de autor, a participação de voluntários das Brigadas Internacionais, principalmente da URSS, a não intervenção direta da França e da Inglaterra no conflito, apesar de simpatizarem com a causa republicana, e o apoio da Alemanha e da Itália aos nacionalistas. Neste manual surge, ainda que em nota lateral, uma menção ao envio de tropas portuguesas — Os Viriatos —, material de guerra e alimentos para os nacionalistas, mas não menciona a participação de portugueses nas Brigadas Internacionais de apoio aos republicanos. No final, a narrativa termina com a expressão clara e aberta das consequências provocadas pelo conflito: mortes, mutilados, exílio de republicanos e a instauração de um novo estado autoritário na Europa.

²⁷ NEVES, 1988.

²⁸ DINIZ *et al.*, 1996.

²⁹ DINIZ *et al.*, 1996: 136.

Em termos de recursos/fontes que acompanham esta narrativa, surge um cartaz nacionalista, cuja legenda faz menção à Junta de Burgos, nome dado inicialmente ao governo dos «rebeldes nacionalistas»³⁰, que esteve instalado em Lisboa com o apoio de Salazar, fazendo assim uma vez mais alusão ao apoio do governo português à causa nacionalista, apesar da sua expressa neutralidade. Paralelamente, apresenta o quadro de Picasso *Guernica*, uma fotografia de um acampamento de milícias republicanas e uma fotografia do general Franco acompanhado pelos seus chefes militares, assim como dois excertos da obra *Por Quem os Sinos Dobram*, de Hemingway, um sobre os fuzilamentos republicanos e outro sobre as agressões de nacionalistas a republicanos, seguindo a sugestão enunciada no programa da disciplina. Estes últimos quatro recursos são de extrema importância, pois denotam uma mudança na função atribuída às fontes que acompanham o texto de autor. Estas já não surgem apenas como elementos ilustrativos que comprovam a narrativa do autor, mas promovem reflexões ao apresentarem versões diferentes de uma mesma realidade que não foi mencionada abertamente no texto de autor. As fotografias apresentadas transmitem a ideia de que as milícias republicanas tinham um menor nível de organização, comparativamente com as nacionalistas, o que poderá explicar a sua vitória no conflito, e os excertos literários apresentam uma posição imparcial e retratam os excessos de violência que ocorreram de ambos os lados. No entanto, neste manual ainda não surgem propostas de atividades de consolidação ou aprofundamento dos conteúdos abordados.

Do mesmo ano, 1996, analisou-se um outro manual — *Novo ao encontro da História 9* — de Pedro Almiro Neves e Valdemar Castro Almeida³¹. O tema da Guerra Civil de Espanha surge novamente em dupla página. Neste, a narrativa dos autores inicia-se em 1923 com a instauração da ditadura de Primo de Rivera e a descrição das dificuldades económicas e sociais que a Espanha enfrentava que conduziram ao fim da monarquia e à instauração da II República. Salienta depois a formação da Frente Popular em 1936, sendo esta apresentada como uma coligação que permitiu formar um «governo de esquerda»³², sem identificar as forças políticas que o compunham. Neste manual, o movimento nacionalista é apresentado como uma «revolta militar» justificada pelo receio da implantação do comunismo em Espanha e da perda de privilégios dos conservadores que «prepararam uma conspiração contra o regime»³³. Apresenta depois os grupos em confronto na Guerra Civil e os respetivos apoiantes internos e externos. A participação portuguesa nesta guerra não é mencionada em nenhum momento.

³⁰ DINIZ *et al.*, 1996: 136.

³¹ NEVES & ALMEIDA: 1996.

³² NEVES & ALMEIDA: 1996: 117.

³³ NEVES & ALMEIDA: 1996: 117.

Já no final desta narrativa, surge a referência a um duplo significado da Guerra Civil de Espanha: «por um lado possibilitou a instauração do regime autoritário franquista; por outro, para além de permitir testar novas técnicas militares, sobretudo por parte das tropas alemãs e italianas, pré-anunciou os blocos que iriam defrontar-se na II Guerra Mundial»³⁴.

Em termos de recursos que acompanham o texto de autor, este manual apresenta uma fotografia do general Franco; um texto de Churchill de 1936, que expressa uma perspetiva internacional da Guerra Civil de Espanha ao apresentar os interesses fascistas, bolcheviques e liberais subjacentes ao conflito que se desenvolvia, apesar de apelar à neutralidade geral; três cartazes da Guerra Civil: um nacionalista, outro republicano e um terceiro apelando à participação feminina na guerra, um aspeto não mencionado nem no texto de autor nem em nenhum dos manuais anteriormente analisados; e uma reprodução do quadro *Guernica*. Neste manual surgem já duas questões orientadoras de aprendizagem direcionadas para a análise dos documentos: «Como evoluiu politicamente a Espanha na Década de 30?» e «Como se posicionou a Europa face à guerra civil espanhola?»³⁵.

O manual *Novo História* ⁹³⁶, de Natércia Crisanto, Isabel Simões e J. Amado Mendes, aborda a questão da Guerra Civil de Espanha em duas duplas páginas, dedicando-lhe, por isso, um maior espaço no manual, comparativamente com outros. Seguindo a linha programática, na abordagem da temática das frentes populares apresenta os dois exemplos expressos nas indicações ministeriais: o francês e o espanhol. Porém, enquanto o caso francês é apresentado apenas em três parágrafos (10 linhas), o caso espanhol surge descrito em 15 parágrafos (63 linhas).

Neste manual é feita uma extensa narrativa sobre o contexto político, económico e social espanhol pós-I Guerra Mundial até à instauração da II República; descreve igualmente o contexto de surgimento da Frente Popular e das várias facções políticas que a compunham. Apresenta as forças que desenvolveram o «levantamento nacionalista» e o início da Guerra Civil, salientando aqui apenas a intervenção estrangeira das forças fascistas e das brigadas internacionais. Toda esta narrativa está em consonância com a linha determinada pelo programa. No entanto, no final do texto de autor, surge novamente a ligação deste conflito ao contexto internacional que se lhe seguiria ao afirmar que «a Guerra Civil de Espanha serviu de campo de ensaio e, simultaneamente, foi o detonar da Segunda Guerra Mundial»³⁷.

Em termos de recursos que acompanham o texto de autor, este manual apresenta um texto historiográfico sobre a implantação da República em Espanha nos anos trinta;

³⁴ NEVES & ALMEIDA, 1996: 117.

³⁵ NEVES & ALMEIDA, 1996: 118

³⁶ CRISANTO *et al.*, 2000.

³⁷ CRISANTO *et al.*, 2000: 144.

três cartazes: dois apresentando os grupos em confronto no conflito e um de propaganda de apelo à integração no exército popular republicano; duas fotografias: uma do general Franco e uma de tropas republicanas; dois mapas sobre a evolução militar da Guerra Civil: um alusivo a 1936 e outro a 1939; o quadro *Guernica* acompanhado de uma legenda pormenorizada que expõe o significado dos vários elementos nele presentes; e um excerto do jornal «Times» de 1937, relatando a destruição da cidade basca de Guernica. Simultaneamente, apresenta duas questões de consolidação de conhecimentos e remete os alunos para a realização de duas questões no caderno de atividades.

Os mesmos autores, num projeto seguinte — *Olhar a História* 9³⁸ — apresentam uma mudança substancial na forma de abordagem do tema, sendo este reduzido a uma dupla página. A narrativa inicial sobre o contexto político, social e económico da Espanha pós-I Guerra Mundial é igual à do manual anterior. Porém, o contexto de formação e composição da Frente Popular desaparece completamente, indicando apenas que na sua sequência «as forças conservadoras revoltaram-se e alguns militares sublevaram-se»³⁹. O título que se segue, «Guerra Civil de Espanha: O Ensaio para a II Guerra Mundial», é expressivo por si próprio, mostrando a linha orientadora de carácter internacional e de reflexo das lutas entre os regimes democráticos e fascistas. À semelhança dos manuais anteriores, descreve com maior pormenor a intervenção alemã e italiana neste conflito e limita-se a mencionar as Brigadas Internacionais, sem apresentar a sua constituição e atuação. A narrativa termina com a apresentação da vitória nacionalista e a instauração do regime autoritário franquista. Em termos de recursos/fontes, neste manual surgem uma fotografia do general Franco; três cartazes de propaganda: um republicano alusivo ao exército popular constituído pelos voluntários das Brigadas Internacionais, outro alusivo às forças nacionalista e um último sobre o culto da personalidade a Franco, apresentado como o Salvador da Espanha; um texto histórico de Picasso, de 1937, sobre a arte como arma, alusivo à obra *Guernica*; uma cronologia com a identificação das principais movimentações militares entre 1936 e 1939 e um mapa com a representação visual das mesmas. No final surgem três questões de consolidação de conhecimentos e três propostas de atividades complementares presentes no caderno de atividades do aluno.

O manual *História* 9, de Eliseu Alves, Eugénia Vieira, Maria Ferrão e Rui Maia, apresenta uma tendência semelhante ao manual anterior⁴⁰. A vitória republicana nos anos trinta é brevemente mencionada assim como a formação da frente popular. As medidas de ambas já não são mencionadas, verificando-se uma maior importância na narração das movimentações militares da guerra. Esta termina de maneira similar ao referir que após a vitória nacionalista se iniciou uma longa ditadura de tipo fascista

³⁸ CRISANTO *et al.*, 2006.

³⁹ CRISANTO *et al.*, 2006: 128.

⁴⁰ ALVES *et al.*, 2006.

e que «a Guerra Civil de Espanha preparou, com ensaios efectuados, os blocos que iriam estar presentes na Segunda Guerra Mundial»⁴¹. Este manual apresenta apenas três recursos didáticos: o quadro *Premonição da Guerra Civil* (1936), de Salvador Dalí; uma fotografia do general Franco e um texto historiográfico intitulado *O prenúncio de uma guerra mundial*, da obra *Ensaio (espanhol) para uma Guerra Mundial*, de Gabriel Jackson⁴², confirmando a linha interpretativa que claramente orientou os autores na abordagem deste tema. A estes surgem associadas três questões de consolidação. No entanto, surgem também duas propostas de atividades complementares que seguem o sugerido no programa: a leitura do livro *Por Quem os Sinos Dobram*, de Hemingway, e a visualização do filme com o mesmo nome de 1943, realizado por Wood.

Uma década depois, os manuais escolares de História apresentam já novas linhas orientadoras determinadas pelas Metas Curriculares. No manual *Viva a História! 9*, de Cristina Maia, Cláudia Pinto Ribeiro e Isabel Afonso⁴³, a temática da Guerra Civil de Espanha surge numa dupla página. A narrativa das autoras é sintética, mas aborda os conteúdos essenciais determinados no programa e nas Metas Curriculares. Começa por narrar que o contexto de crise política, económica e social do pós-guerra levou à formação da República e, mais tarde, em 1936, à vitória da Frente Popular nas eleições, tendo este último acontecimento levado à formação do movimento nacionalista que conduziu a uma revolta militar. A conclusão desta narrativa é expressiva da nova linha de interpretação do conflito:

*A Guerra Civil de Espanha (1936-1939) surge integrada no contexto de confrontos ideológicos da década de 1930 que opunham o franquismo ao comunismo e serviu de tubo de ensaio das táticas, das armas e, sobretudo, da aviação alemã que viria a ser utilizada na Segunda Guerra Mundial*⁴⁴.

Na narrativa das autoras não surge menção às principais etapas da Guerra Civil, pois estas surgem nas fontes que acompanham o texto de autor, nomeadamente uma cronologia e dois mapas da evolução do conflito. Outros recursos apresentados são uma fotografia de Franco, outra da cidade de Guernica destruída após os bombardeamentos aéreos alemães e um texto historiográfico da obra *Ensaio (espanhol) para uma Guerra Mundial*, de Gabriel Jackson⁴⁵. Neste manual são propostas quatro questões de exploração das fontes apresentadas e duas remissões para a realização de questões do caderno de atividades do aluno.

⁴¹ ALVES *et al.*, 2006: 100.

⁴² JACKSON, [s.d.].

⁴³ MAIA *et al.*, 2016.

⁴⁴ MAIA *et al.*, 2016: 108.

⁴⁵ JACKSON, [s.d.].

No manual *História Nove*, do mesmo ano, 2016, da autoria de Maria Emília Diniz, Adérito Tavares, Arlindo Caldeira e Raquel Henriques, a narrativa é ligeiramente diferente. Começa por apresentar de forma mais pormenorizada a implantação da República em Espanha e a formação da Frente Popular. Na descrição da Guerra Civil, não apresenta as principais fases e movimentações da mesma, mas salienta as forças internacionais que participaram de ambos os lados. No final, a narrativa apresenta as principais consequências da guerra: o elevado número de mortes e mutilados nos campos de batalha e nos bombardeamentos aéreos; as represálias e perseguições aos republicanos que tiveram de se exilar em condições muito difíceis e a implantação de um estado autoritário de tipo fascista, violentamente repressivo, que durou cerca de 40 anos. A acompanhar o texto de autor surge uma biografia de Franco e uma rubrica onde se apresentam os apoios estrangeiros a cada uma das facções em confronto na guerra, salientando o apoio das Brigadas Internacionais e de vários intelectuais que narraram a extrema violência do conflito. Surgem ainda dois cartazes de propaganda republicana contra as forças nacionalistas; uma fotografia de soldados nacionalistas capturados por republicanos que seriam depois fuzilados e dois excertos da obra *Por Quem os Sinos Dobram*, de Hemingway, que refletem a violência exercida em ambos os lados da guerra, sendo estes textos os mesmos que já tinham surgido no manual dos autores de 1996. Neste manual surgem apenas duas questões de análise das fontes apresentadas.

No final desta incursão por alguns manuais escolares podem retirar-se algumas ilações:

- As narrativas dos autores presentes nos manuais escolares, apesar de estarem quase sempre em consonância com as indicações programáticas, tendem a privilegiar a linha de análise internacional que representa a Guerra Civil de Espanha como um palco de ensaio da II Guerra Mundial. As narrativas apresentam sempre textos diretivos, simples e sintéticos, focados maioritariamente na formação da Frente Popular, no início da guerra e na menção das frentes em confronto, mas sem levantar pistas para reflexões mais profundas sobre uma temática tão complexa como é a Guerra Civil de Espanha;
- Os recursos didáticos/fontes históricas que acompanham as narrativas dos autores são diversos, mas semelhantes em todos os manuais analisados, verificando-se uma tendência para a preferência dos recursos iconográficos sobre os documentos escritos. O número de recursos/fontes aumenta ao longo dos anos e ganha uma maior importância pedagógica e didática com o avançar das décadas; nos anos 90 os recursos didáticos/fontes surgem, maioritariamente, como elementos ilustrativos que suportam a narrativa do texto de autor. Com o passar do tempo, nas primeiras décadas do século XXI, ganham mais relevância didática ao abordarem temas/questões não mencionadas no texto de autor e, em

certos casos, embora poucos, provocam reflexões críticas ao mostrarem diferentes perspetivas de uma mesma realidade;

- As questões/propostas de atividades surgem nos finais dos anos 90, remetendo sobretudo para a interpretação da narrativa dos textos de autor e da temática em estudo; a geração seguinte de manuais, já na primeira década do século XXI, apresenta uma mudança significativa, pois as questões/propostas de atividade remetem já para a análise concreta das fontes apresentadas.

4. OS TEMAS PRESENTES E AUSENTES

Analisadas as várias narrativas presentes nos manuais escolares desde a década de 1980 até 2016, conseguimos identificar algumas tendências apenas perceptíveis numa análise de longa duração. Verifica-se que, inicialmente, a Guerra Civil é apresentada como uma consequência da crise económica, social e política espanhola do pós-I Guerra Mundial, do surgimento da Frente Popular e das medidas que instaurou. A partir do final dos anos 90 verifica-se uma preferência por outra linha de abordagem na qual o discurso anterior é substancialmente reduzido ou mesmo retirado da narrativa dos autores que passam a dar uma maior ênfase à guerra em si e, enveredando por uma linha mais internacionalista de contextualização das oposições democracia *versus* fascismo, na qual a Guerra Civil de Espanha surge como o cenário de treino da II Guerra Mundial.

De um modo geral, foram identificados no capítulo anterior os vários temas presentes nos manuais escolares de História portugueses do 3.º ciclo do ensino básico. No entanto, são também evidentes os temas que neles estão ausentes. Desde logo salienta-se a quase inexistência de menções à participação portuguesa de ambos os lados do conflito (à exceção do manual *História 9* de 1996). Esta ausência marca uma diferença relativamente à realidade eslovena, na qual é sempre destacada a participação dos seus voluntários, pois a mesma, apesar de reduzida, foi um momento doloroso que não merece ser esquecido. Já a participação portuguesa, que se verificou dos dois lados em confronto, é, nos manuais portugueses, quase sempre ocultada, talvez por esta ser uma realidade que ainda não foi devidamente estudada a nível científico em Portugal, ou por não ser mencionada no programa nem nas Metas Curriculares, ou por ser um dos passados dolorosos que os autores portugueses ainda não estão preparados para incluir nas suas narrativas.

Outros temas relevantes na historiografia atual que também não são abordados nos manuais são a presença feminina e a sua atuação determinante neste conflito; o impacto que esta guerra teve na cultura europeia, uma vez que neste campo os manuais recorrem sistematicamente e de forma mais ou menos generalizada aos mesmos exemplos — na literatura à obra *Por Quem os Sinos Dobram*, de Hemingway, e na arte à obra *Guernica*, de Picasso.

No que concerne a aspetos mais específicos desta guerra, apesar de todos os manuais ressaltarem a sua extrema violência, surge uma tendência para ressaltar apenas aquela que se evidenciou do lado nacionalista, recorrendo-se novamente a um único exemplo — a destruição da cidade basca de Guernica, esquecendo-se outros acontecimentos devastadores e desumanos praticados pelos franquistas, assim como é evidente uma reduzidíssima menção à violência e crueldade que também foi exercida do lado republicano.

Ao nível da participação estrangeira nesta guerra, apesar da incontornável referência à participação das Brigadas Internacionais, raramente é apresentado contexto da sua formação, a constituição das mesmas e nunca se destaca a sua atuação ao longo da guerra, nem o que lhes sucede depois do final da mesma.

Uma vez que as orientações programáticas e das Metas Curriculares terminam com o final da Guerra Civil, naturalmente existe um vazio relativamente ao pós-guerra, não surgindo, por isso, referências às características da ditadura franquista e às represálias que esta infligiu aos derrotados e aos opositores do franquismo, nem o destino e as ações de resistência ao franquismo dos republicanos derrotados que tiveram de se exilar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação permitiu concluir que as narrativas presentes nos manuais analisados sobre a Guerra Civil de Espanha são consonantes com as diretrizes curriculares ministeriais. A partir da análise de conteúdo de alguns manuais escolares de História do terceiro ciclo do ensino básico, torna-se evidente que existe uma evolução nas interpretações que são feitas sobre a mesma e que os diferentes autores apresentam narrativas consoante as visões que privilegiam sobre este tema. Numa mesma década, alguns manuais podem privilegiar as etapas da guerra, enquanto outros dão mais ênfase aos apoios internacionais das duas fações; uns destacam a guerra como palco de ensaio da II Guerra Mundial, enquanto outros salientam a construção de um estado autoritário e as consequências humanas da guerra, como se verificou nos manuais de 2016. De um modo geral, diretamente ou indiretamente todos enquadram a Guerra Civil de Espanha no contexto das lutas ideológicas entre os regimes democráticos e os regimes autoritários e, nos manuais mais recentes, nas lutas entre os regimes fascistas e comunistas. Esta última realidade aproxima-se da espanhola narrada por González Delgado, que revela a complexidade na abordagem a este tema devido às diferentes interpretações que ela pode fazer emergir não só ao longo do tempo, mas também num mesmo tempo⁴⁶.

⁴⁶ GONZÁLEZ DELGADO, 2015.

Foram identificados alguns temas ausentes nos textos de autor, sendo de destacar o silêncio dos mesmos relativamente à participação portuguesa na guerra, um aspeto que claramente distingue a realidade dos manuais portugueses comparativamente com a realidade verificada em manuais eslovenos.

Em termos didáticos, a partir da análise de longa duração dos recursos iconográficos, gráficos e escritos que surgem nos manuais, verificou-se uma predominância de fotografias e cartazes e um reduzido número de fontes escritas. Poucos manuais apresentam documentos escritos, sejam eles históricos ou historiográficos, e menos ainda apresentam fontes com visões opostas que permitam comparar a atuação nacionalista e republicana. Nos manuais da década de 1980, os recursos surgem muito como mera ilustração da narrativa dos autores e não surgem propostas de atividade, evidenciando a linha de uma didática expositiva; já na década de 1990, os manuais começam a apresentar recursos com valor de exploração de conteúdos e questões de consolidação de conhecimentos, evidenciando a linha de uma didática guiada por objetivos. Já na década de 2010, os manuais contemplam recursos didáticos que se destinam à exploração concreta de conteúdos, alguns dos quais não mencionados no texto de autor e as questões/propostas de atividades que surgem têm como principal objetivo orientar a análise das fontes históricas apresentadas, evidenciando a linha de uma didática claramente orientada para as competências.

Refletindo sobre a abordagem que é feita nos manuais à Guerra Civil de Espanha, verifica-se que esta não é uma temática privilegiada, mas que suscita diferentes interpretações conforme os autores, confirmando assim o manual escolar não só como um objeto didático, mas também como um objeto cultural.

Por outro lado, se atendermos às novas linhas orientadoras traçadas, já em 2017, para o novo perfil do aluno do século XXI, podemos encontrar no estudo da Guerra Civil de Espanha a hipótese de desenvolver interessantes projetos de articulação curricular e de interdisciplinaridade em torno do seu estudo ao nível da História; da Língua da Cultura Espanhola; da Literatura, não só internacional com a análise da obra *Por Quem os Sinos Dobram*, de Hemingway, mas também nacional com a análise, por exemplo, de poemas selecionados da antologia de Joaquim Namorado *A Guerra Civil de Espanha na Poesia Portuguesa* de 1987; do Cinema, com a visualização e exploração de filmes como *Por quem os sinos dobram* (1943), *Las 13 Rosas* (2007), *La Lengua de las Mariposas* (1999), *There be dragons* (2011) ou *Guernica* (2016), e da visualização e exploração de documentários como *A Guerra também foi nossa* (2017) da RTP sobre a participação portuguesa na Guerra Civil de Espanha; da Arte com a exploração das obras de Picasso e de Dalí; e da Música, com a audição de exploração de músicas de guerra como *Ay Carmela* ou *A las mujeres*.

Uma abordagem interdisciplinar e articulada do tema poderá assim dar uma visão mais global deste conflito e ultrapassar os vazios e silêncios presentes nos manuais escolares de História do 3.º ciclo do ensino básico.

BIBLIOGRAFIA

- BARDIN, Laurence (2009) — *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- DÍEZ GUTIÉRREZ, Enrique (2011) — *Análisis de los Textos Escolares de Historia. Estudio de Caso sobre La Posguerra Civil Española*. «Revista Historia de la Educación Latinoamericana», n.º 16, p. 87-118.
- FOSTER, Stuart (2011) — *Dominant Traditions in International Textbooks Research and Revision*. «Education Inquiry», vol. 2, n.º 1, p. 5-20.
- GONZÁLEZ DELGADO, Mariano (2015) — *Tiempo de Turbulencias: La compleja representación de la Guerra Civil española en los libros de texto de Ciencias Sociales (1970-1990)*. «Espacio, Tiempo y Educación», vol. 2, n.º 1, p. 163-185.
- JACKSON, Gabriel [s.d.] — *The Spanish republic and the civil war*. Paris: Ruedo Ibérico.
- MAGALHÃES, Justino (2008) — *O manual escolar como fonte historiográfica*. In COSTA, Jorge Vale; FELGUEIRAS, Margarida Louro; CORREIA, Luís Grosso, coord. — *Manuais Escolares da Biblioteca Pública Municipal do Porto*. Porto: FPCEUP/FLUP, p. 11-15.
- MATE, Cecília Hanna (2006) — *Elementos para um estudo comparativo entre governos autoritários de Espanha e Brasil (1938 a 1944) e os livros didáticos*. «InterMeio: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação», vol. 12, n.º 23, p. 36-47.
- MONTEIRO, Augusto José (2010) — *A (Re)Valorização de outras fontes históricas - A problemática dos manuais escolares*. In RIBEIRO, Maria Manuela Tavares, coord. — *Outros combates pela História*, Coimbra: Imprensa Universidade de Coimbra.
- SACCO, M. (2005) — *A guerra civil Espanhola*. In SALVADORI, Massimo L., coord. — *História Universal - A idade dos totalitarismos e a segunda guerra mundial*. Lisboa: Planeta Agostini.
- SUSTAR, Branko (2014) — *Perceptions of the Spanish Civil War in the history textbooks in Slovenia*. Comunicação ao *Congreso Posguerras. 75 Aniversario del Fin de la Guerra Civil Española*, Madrid, 3-5 abril 2014. Disponível em < <http://www.ssolski-muzej.si/files/events/8845-sustarbranko.pdf>>. [Consulta realizada em 14/12/2017].

Manuais escolares

- ALVES, Eliseu; VIEIRA, Eugénia; FERRÃO, Maria; MAIA, Rui (2006) — *História 9*. Porto: Porto Editora.
- CRISANTO, Natércia; SIMÕES, Isabel; MENDES, J. Amado (2000) — *Novo História 9*. Porto: Porto Editora.
- CRISANTO, Natércia; SIMÕES, Isabel; MENDES, J. Amado (2006) — *Olhar a História 9*. Porto: Porto Editora.
- DINIZ, Maria Emília, TAVARES, Adérito; CALDEIRA, Arlindo; HENRIQUES, Raquel (2016) — *História Nove*. Lisboa: Raiz Editora.
- DINIZ, Maria Emília, TAVARES, Adérito; CALDEIRA, Arlindo (1996) — *História 9*. Porto: O Livro.
- MAIA, Cristina; RIBEIRO, Cláudia Pinto; AFONSO, Isabel (2016) — *Viva a História! 9*. Porto: Porto Editora.
- NEVES, Pedro Almiro (1979) — *Génese e mudanças estruturais do mundo contemporâneo*. Porto: Porto Editora.
- ____ (1988) — *Nova História 9*. Porto: Porto Editora.
- NEVES, Pedro Almiro; ALMEIDA, Valdemar Castro (1996) — *Novo ao encontro da História 9*. Porto: Porto Editora.